

O PAPEL DA ÉTICA NA MEDIAÇÃO DAS RELAÇÕES HOMEM-TRABALHO- EDUCAÇÃO, COMO ELEMENTO CONSTRUTIVO DO PROCESSO PEDAGÓGICO

O ato de educar é uma práxis. E, como toda práxis, supõe uma relação recíproca entre teoria e prática. A prática de educar, no entanto, nem sempre foi embasada por uma teoria rigorosamente elaborada. Durante muito tempo a humanidade utilizou-se do saber espontâneo (e muitas vezes do conhecimento mítico) para orientar a ação educativa. Ainda hoje muitos educam dessa forma. Basta lembrar a educação informal que se dá na família, bem como a maneira pela qual as tribos prepararam as novas gerações. Não seria exagero dizer que muitas escolas também aplicam fórmulas tradicionais, baseadas no senso comum e, portanto, empíricos.

A necessidade de tornar a prática da educação intencional e mais eficaz traz consigo a exigência de maior rigor conceitual, de sistematização dos conhecimentos, de definição dos fins a serem atingidos e da escolha dos meios a serem utilizados no meio cultural, com vistas à realização das atividades educativas. O aperfeiçoamento dessas atividades, no entanto, só é possível pela transmissão dos conhecimentos adquiridos de uma geração para outra, permitindo a assimilação dos modelos de comportamento valorizados. É a educação que mantém viva a memória de um povo e dá condições para a sua sobrevivência material e espiritual por tanto.

Com efeito a escola é na verdade uma estação em que seres em processo de formação são gradativamente preparados para a sociedade. As famílias entregam seus filhos à escola por horas durante anos seguidos, para que consigam emancipar-se delas mesmos. Eis aí um processo contraditório: as famílias sabem com uma consciência claro-escuro que, para seus filhos integrarem a sociedade, precisam deste tipo de mediação que a escola faz. E, no entanto, pressentem ressentimentos à ação da escola, cuja função é justamente contribuir para a emancipação das crianças, o que significa certo corte, certa ruptura, com os vínculos familiares.

O mundo da escola, que deve ser um caminho de entrada à vida real, acaba substituindo-a própria vida, sustentando-se de suas próprias projeções.

As instituições e organizações educacionais são normalmente entidades políticas ou religiosas, Estados e Igrejas, que não podem, em seu próprio interesse, encorajar uma tendência universal e indiscriminada para o exame cético das respectivas teses e autoridades. É fato histórico que o poder é geralmente considerado como transformador e revolucionário. Mas, é igualmente, fato histórico que os processos do conhecimento, da

moral ou das organizações sociais acontecem vagarosamente, se é que realmente acontece, sem o estímulo de mentes inquisitivas e constringentes.

É preciso que se faça, pois desta tomada de consciência, o objetivo primeiro de toda a educação: provocar e criar condições para que se desenvolva uma atitude de reflexão crítica, comprometida com a ação. A educação se dá, enquanto processo, em um conteúdo que deve necessariamente ser levado em consideração. Assim a educação é fator de suma importância na passagem das formas mais, primitivas de consciência para a consciência crítica, que por sua vez, não é um produto acabado, mas um vir a ser contínuo.

Educar para a ética requer que os indivíduos sejam encorajados e auxiliados a compreender a suas próprias percepções e crenças sobre o que é ética e quais são seus próprios valores. Precisam explorar suas percepções dos valores da organização para a qual trabalham, para compreender as diferenças entre eles. Devem ser guiados para fora, de uma ética simplista, estreita e repressora, sendo dirigidos para um reconhecimento e uma apreciação da complexidade dos dilemas e de sua própria habilidade intelectual para responder a eles.

Em termos de prática, o desenvolvimento também é necessário. É impossível “treinar” alguém para ser ético, ou mesmo para se comportar eticamente. Se a educação desenvolver uma consciência ética e a organização apóia e deseja, as pessoas precisam praticar seu uso.

É fazer do processo pedagógico um legítimo tópico de discussão. Mas sim, efetivamente implementar a ciência ética nesse processo. Para tanto, são necessários dois processos: **aprendizagem, para ajudar as pessoas a pensar sobre ética, e desenvolvimento, para ajudá-las a incorporar a ética a suas atividades e ações.**

Lana Glicia Veiga Feitosa Oliveira

Acadêmica da Academia Sergipana de Ciências Contábeis

Cátedra 17